

Emblema serigráfico de Rubem Valentim

A Fundação Cultural do Distrito Federal, sob a presidência do Embaixador Vladimir Murtinho, está, no momento, prestando uma justa homenagem ao artista plástico Rubem Valentim que, havendo recusado um convite para fixar-se em Roma e tendo abandonado os círculos artísticos do Rio de Janeiro, resolveu há quase uma década radicar-se definitivamente nesta cidade, mantendo seu atelier em uma singela mansão pouco distante do Lago, e contribuindo, desse modo, para que se eleve cada vez mais o nível estético da criação artística em Brasília.

Essa homenagem é traduzida pela mostra intitulada "Rubem Valentim: Panorama da sua Obra Plástica", a qual, formada por pinturas, quadros-objetos, esculturas-objetos, serigrafias e tapeçarias, está aberta ao público na Sala de Exposições da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Rubem Valentim nasceu no dia 9 de novembro de 1922, em Salvador, no Estado da Bahia. É autodidata, tendo começado a pintar, quando menino, fazendo figuras e paisagens para presépios de Natal. Formado em Odontologia e Comunicações pela Universidade Federal da Bahia, abandonou a clínica e o jornalismo para consagrar-se exclusivamente à pintura. E, depois de haver participado do movimento de renovação das artes plásticas em Salvador, transferiu-se para o Rio de Janeiro, prosseguindo em sua carreira artística toda voltada para o desenho e a pintura. Posteriormente, já integrado na corrente estética do construtivismo, passou a executar quadros-objetos, relevos emblemáticos, esculturas-objetos, arcas e, finalmente, serigrafias e tapeçarias, as quais, hoje em dia são praticamente as suas formas de expressão.

Rubem Valentim já realizou exposições individuais no Palácio Rio Branco e na Galeria Oxumará, em Salvador, na Petite Galerie, na Galeria Relevo, na Galeria Bonino e na Galeria Ipanema, no Rio de Janeiro; na Galeria Documenta, em São Paulo, no Hotel Nacional, na Fundação Cultural do Distrito Federal e na Galeria de Arte Porta do Sol, em Brasília; no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e na Galeria de Arte da Casa do Brasil, em Roma, na Itália. Por outro lado, participou das mais importantes exposições

A Obra plástica de Rubem Valentim

coletivas realizadas em nosso país e no exterior, dentre as quais merecem destaque os III, V, VII, IX, X, XI, e XII Biennais de São Paulo e XXII Biennal de Veneza, na Itália; a Biennal Internacional de Arte Construtivista de Nuremberg, na Alemanha, a II Biennal de Artes Plásticas Coltejer-Medellin, na Colômbia, a "Alternativa Atual" - 2 Ressegno di Pintura e Gráfica, I "Aquele, na Itália, a "Exposition d'Art Contemporain - Tendances et Confrontations" em Dakar, no Senegal, o VIII, X e o XI Salão Nacional de Arte Moderna; a I Biennal Nacional de Artes Plásticas de Salvador, na Bahia, o "Panorama de Arte Atual Brasileira", do Museu de Arte Moderna de São Paulo, e o Salão Global da Primavera em Brasília.

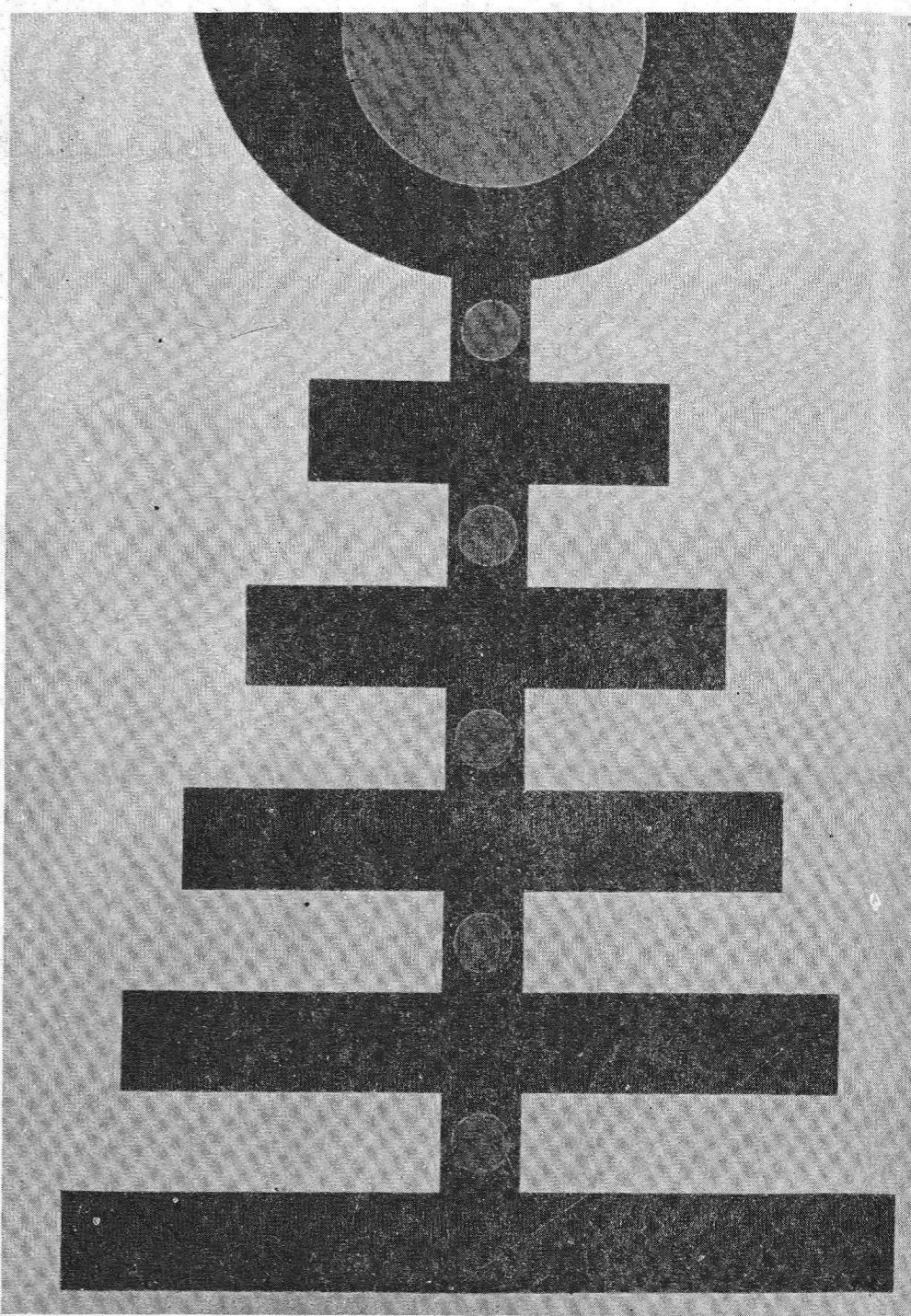
Por sua vez, Rubem Valentim é detentor das mais altas premiações, entre as quais figuram "Isingão de Júri" e "Prêmio de Viagem ao Estrangeiro", do X e do XI Salão Nacional de Arte Moderna, promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura; "Prêmio da Crítica", outorgado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte; "Prêmio Especial Contribuição à Pintura Brasileira", da I Biennal Nacional de Artes Plásticas de Salvador; Prêmio "Aquisição do Itamaraty", da IX e da XI Biennal de São Paulo, e "1º Prêmio Viagem ao Exterior", do I Salão Global da Primavera, realizado em Brasília. E possui obras no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Museu Nacional de Belas Artes, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, na Biblioteca Municipal de São Paulo, no Palácio do Governo da Bahia, em Salvador, na Galeria Nacional de Arte Moderna, de Roma, na Itália, no Palácio do Governo do Zaire, em Kinshasa, na África, no Palácio Doria Pamphilj, na Embaixada do Brasil em Roma, na Itália, na Embaixada do Brasil em Bogotá, na Colômbia, bem como em importantes coleções particulares de nosso país e do exterior. Em Brasília, Rubem Valentim figura no acervo do Palácio do Buriti, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e do Banco do Brasil.

O artista e sua obra já foram objetos de dois filmes documentários: "Rubem Valentim e sua Arte Semiótica, curta metragem em cores, produzido pelos cineastas Aécio Andrade, Heitor Humberto Andrade e Júlio Romiti, com o Certificado de Qualidade Especial do Instituto Nacional do Cinema; e "Artistas Brasileiros do Museu de Ontário, Canadá, curta metragem em cores produzido pelo cineasta André Paluch.

A arte de Rubem Valentim, em todas as suas formas de expressão, já foi analisada e elogiada pelos críticos de arte Antonio Bento, Clarival do Prado Valladares, Flávio de Aquino, Hugo Auler, José Geraldo Vieira, Mario Pedrosa, José Roberto Teixeira Leite, Murilo Mendes, Jayme Maurício, Quirino Campofiorito, Theon Spanoudis, Vera Pacheco Jordão, José Valladares, Maria Barata, Ferreira Gular, Maria Eugênia Franco, Frederico Moraes, Walmir Ayala, Roberto Pontual, Quirino da Silva, Pedro Manoel Gismondi, Harry Laus, Olívio Tavares de Araújo, Sérgio Milliet, Mario Schemberg, Pietro Maria Bardi, Arnaldo Pedroso d'Orta, Aracy Amaral, Jacob Klinowitz, Geraldo Ferraz, Gilberto Cavalcanti, Marc Berkowitz, Francisco Bittencourt, Thomas Cohn e José Guilherme Merquior, do Brasil; Umbro Apollonio, Giulio Cesar Argán, Enrico Crispolti, Giuseppe Marchiori, Sandra Orienti, Arturo Bovi, Vittorio del Gaizo, Guido Giuffrè, da Itália; Sheldon Williams e John Fitzgibbon, da Inglaterra e dos Estados Unidos da América do Norte, respectivamente, e Pierre Restany, da França.

E, nessa altura, para que o público em geral possa bem compreender a arte de Rubem Valentim, transcrevemos trechos dos estudos feitos por alguns críticos sobre a obra desse artista pôtrio que já atingiu projeção internacional.

Assim é que Clarival do Prado Valladares afirma: "Admito que o exemplo de Rubem Valentim ocorrido há mais de vinte anos, tenha me influenciado bastante quando formulei os quatro atributos para reconhecimento de uma obra de arte proposta em nossos dias. Aquele critério, que utilizei durante duas décadas também como conduta para julgamento, baseava-se e exigia o domínio artesanal, a coerência temática, o acréscimo de originalidade e o sentimento de contemporaneidade. Poucas são os exemplos dos que respondem esses itens com a plenitude desse artista. Depois de adquirir o domínio da artesania, sempre sob a mais cautelosa e rigorosa escolha de processos e materiais, Rubem Valentim fixou-se a uma linguagem temática que até hoje globalizou sua produção. A simples revelação das datas de seus quadros definitivos confere-lhe, no Brasil, o pioneirismo, ou melhor dito, a precedência deste capítulo que modernamente se denominou arte semiótica, querendo sig-



Quadro-objeto de Rubem Valentim

nificar a construção do objeto plástico mediante os valores estéticos contidos no sinal. A locução é adequada para não mais se confundir com o simbolismo - (expressividade de símbolos e analogias), embora símbolo não seja mais que o sinal carregado de historicidade.

Por sua vez, o crítico da arte Antonio Bento, depois de discorrer acerca da simbologia dos cultos afro-brasileiros e da religião católica, que servem simpaticamente de temas para as suas criações, conclui, dizendo textualmente: "Não há exagero em dizer-se que Rubem Valentim criou, nesse domínio, uma linguagem nova. Possui uma semiologia ótica, uma semântica próprias, que o elevam à categoria dos mais eruditos entre os nossos pintores abstratos e figurativos."

Por outro lado, o crítico de arte Hugo Auler, autor de um ensaio sobre a arte de Rubem Valentim, realizado há seis anos a proxiadamente, após analisar largamente a sua obra, chega à seguinte conclusão: "Rubem Valentim, com a sua arte geométrica feita de símbolos que prestam à sua abstração um sentido figural, deu uma nova abertura ao construtivismo no Brasil. É um artista de vanguarda que, todavia, não traz a carga incômoda de alienações estéticas de alienígenas civilizações. Revelando um raro poder de criação, nos quadros do abstracionismo geométrico, soube criar um novo tipo de construtivismo emblemático, dotado de características telúricas que têm suas raízes étnicas próprias de nossa região, transformando o primitivismo de signos antropológicos em uma heráldica de símbolos com um alto sentido contemporâneo universal. Descobriu uma linguagem plástica e pictural, fruto de concepções sintéticas e de aculturações que floresceram em um processo poético de miscigenação, operado em seu poder artístico de criação. E é por todas essas razões que podemos afirmar que da mesma forma pela qual Villa Lobos estatizou a universalização erudita do primitivismo de nossa simbologia afro-brasileira sob o ângulo plástico e pictural, realizando o princípio fundamental de todas as obras de arte, que é a universalidade de sua significação e cultural sem desvinculação das raízes artísticas de sua criação".

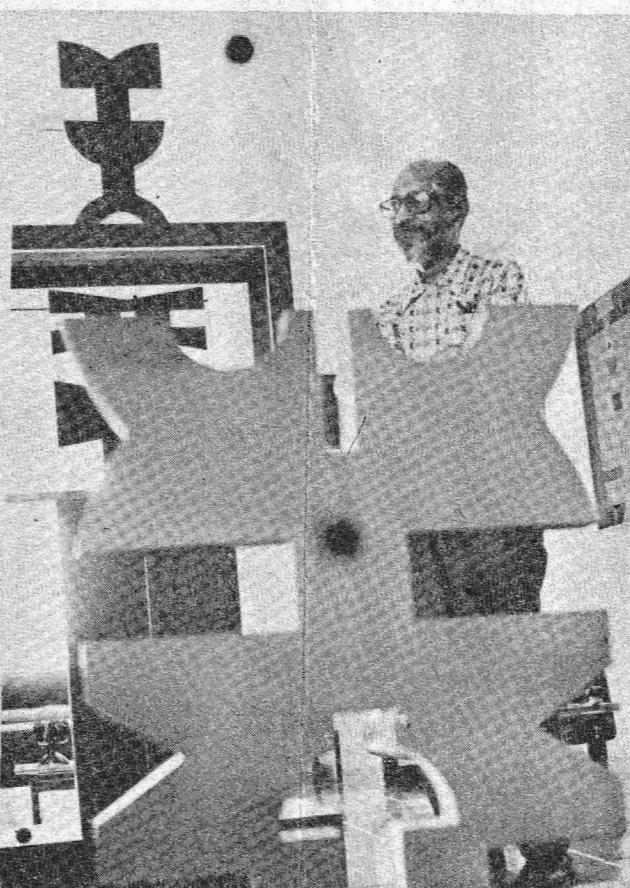
Ultimamente, o crítico de arte José Guilherme ponderou com muita propriedade: "Se toda arte é jogo de signos, função semiótica, Rubem Valentim pratica, há pouco mais de quinze anos, uma plástica super-semiótica: uma arte comprometida com a transformação consciente do signo. Os fundamentos afro-baianos das formas abstratas de Valentim são conhecidos. Seu grafismo é uma estilização dos signos-fetiche do candomblé, do universo ritual dominado pelos emblemas dos orixás magos".

Na mesma linha analítica, está o crítico de arte Frederico Moraes ao dizer: "Pierre Restany definiu, certa vez, a arte como sendo organização do real. A arte construtiva (elemento mais princípio) é isso. O artista, à medida que transforma a realidade, vai construindo esta mesma realidade. Em Valentim, esta realidade é construída de tradições, do mais longínquo e do mais distante. O artista remete-nos às situações primeiras - homem-mulher-terra-céu-água-movimento-casa-religião - e por isso mesmo definitivas, eternas."

Já sob outro aspecto, temos a opinião do crítico de arte Jayme Maurício: "A exploração da simbologia afro-brasileira, num sentido geométrizante, levou Valentim a aproximar-se ocasionalmente de uma simbologia nipônica. Tal resultado, aparente sobreposto em algumas das peças nas quais os temas expressos em relevo e em construções tridimensionais lançam sombras pintadas sobre planos de fundo ou de base, há de ter sido acidental: não chega a trair a concepção das peças. Valentim é, também, às vezes algo talmúdico e hebreu, em seu misticismo abstrato. Intelectualiza e universaliza de tal modo suas origens locais - especificamente baianas - que tende a atingir uma atmosfera mística também generalizada."

Aliás, essa universalização da arte autóctone de Rubem Valentim foi sentida pelos críticos de arte estrangeiros, tanto assim que Umbro Apollonio, Diretor dos Arquivos da Biennal de Veneza, chegou à seguinte conclusão: "Interesse em Rubem Valentim um duplo aspecto: o ter mantido e quase exaltado um caráter de fundo brasileiro - daquela Brasil onde felizmente se fundem elementos negro-africanos e indígenas - sem por isso cair no fácil primitivismo no qual prevalece a ilustração folclórica, e haver ao mesmo tempo adotado sugestões da linguagem plástica contemporânea sem disso fazer um esquema, pelo contrário, regenerando-as com uma fabulosa carga que lhe vem das origens. Assim, a abstração geométrica de suas imagens não é de forma alguma genérica, simples e frio exercício, mas é a ordenação, no mais das vezes simétrica, de dados tirados da presença e da memória da ordem mítica e ritual." E, nessa mesma esteira, está Giulio Cesar Argán, Professor de História da Arte da Universidade de Roma: "A escolha temática que está na raiz da pintura de Rubem Valentim resulta das próprias declarações do artista: os seus signos são deduzidos da simbologia mágica que se transmite com as tradições populares dos negros da Bahia. A evocação destes signos simbólicos-mágicos não tem, entretanto, nada de folclórico, o que se vê dos sucessivos estados, através dos quais passam antes de se constituírem como imagens pictóricas. É necessário expor, antes, que eles aparecem subitamente imunizados, privados das suas próprias virtudes originárias, evocativas ou provocatórias: o artista os elabora até que a obscuridão ameaçadora do fetiche se esclareça na limpida forma de mito."

Por todas essas razões é que a obra plástica de Rubem Valentim, uma das altas expressões da arte brasileira contemporânea, se impõe no plano internacional, como, que exigindo agora a homenagem que, no momento, lhe está sendo prestada pela Fundação Cultural do Distrito Federal.



O artista plástico Rubem Valentim, suas pinturas e seus objetos emblemáticos